

## **“Eu disse aquilo que vivencio”: Contribuições da Fenomenologia Social para um Estudo sobre Interpretação de Imagem<sup>1</sup>**

Roberta SIMON

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **Resumo**

Este artigo pretende refletir sobre as contribuições da fenomenologia social e da sociologia do conhecimento de Alfred Schutz para a experiência de interpretação de imagem. A partir das noções de mundo da vida, realidades, estoque de conhecimento, tipificação e relevância buscamos refletir sobre as influências de trajetórias biográficas e seus contextos socioculturais e midiáticas nas experiências narrativas de interpretação de imagens.

**Palavras-chave:** comunicação social; fenomenologia social; sociologia interpretativa; narrativa; interpretação de imagem.

### **Contribuições da fenomenologia social interpretativa**

A fenomenologia social de Alfred Schutz parte da confrontação entre a filosofia fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938) e a sociologia da ação e compreensão de Max Weber (1864-1920). Husserl se distancia dos fundamentos positivistas e se aproxima de uma abordagem mais filosófica psicológica para as ciências humanas e sociais. A partir de experiências conscientes, o ser humano vive e age em um “mundo” segundo o que percebe, interpreta e faz sentido para ele (SCHUTZ, 1979, p. 7). Essa consciência é sempre de algo específico e suas formas estão relacionadas ao conteúdo das experiências. Para tais experiências, o ser humano se utiliza de um modo de intencionalidade, quer dizer, ele dirige sua atenção para objetos reais ou imaginários, materiais ou ideias, objetivando e tipificando tal experiência.

Além da consciência individual, a psicologia fenomenológica de Husserl considera o compartilhamento social da intersubjetividade coletiva e da subjetividade individual. Essa perspectiva se afasta do pensamento social baseado em pressupostos e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

ideias prefiguradas, destacando as experiências individuais como fatos relevantes para serem analisados. Os “fatos sociais” de Émile Durkheim, suas estruturas fixas e estáveis, dão lugar a um pensamento menos coercitivo e “revelador de grandes mistérios”, e mais sensível, considerando que os fenômenos da vida cotidiana nos são percebidos pelos sentidos. A construção da realidade social, portanto, é realizada *para e pelos* homens a partir de suas experiências intersubjetivas (SOUZA, 2012). A fenomenologia pretende revelar as intenções de que consiste a vida social a partir das experiências dos seres humanos conscientes de si próprios, do outro e da sociedade com a qual se relaciona (SCHUTZ, 1979, p. 9). Ela pretende, ainda, um retorno do pensamento às origens, às coisas em si mesmas, às análises dos fenômenos da vida cotidiana. As coisas, os problemas e as soluções se encontram na própria realidade vivida e partilhada.

Enquanto pesquisadores, herdamos “de nossos ancestrais, como um estoque de proposições aprovadas, limites históricos para o reino da sua ciência” (SCHUTZ, 1979, p. 309). Nossas proposições científicas devem estar em conformidade com nossa vida diária, segundo o “postulado de adequação”. O próprio ato de pesquisar, teorizar, ir à campo, entrevistar, coletar e produzir documentos e dados visuais e textuais são “ações” da província científica que demandam constante vigilância epistemológica e metodológica. A província do raciocínio teórico está no reino da experiência científica, o que significa que desenvolvemos ações e planejamentos “dentro de uma hierarquia de planos estabelecida pela decisão de perseguir e desenvolver atividades científicas” (SCHUTZ, 1979, p. 254). Os “motivos a fim de” e “motivos por que” são realizadas tais atividades encontram-se no seio das práticas e atitudes naturais desta província.

Essas formas sugerem às províncias de realidades atitudes naturalizadas aos homens que a ela pertencem. Para o homem adulto que se comporta segundo as “atitudes naturalizadas”, ou “atitudes de senso comum”, são as ações e experiências consideradas inquestionáveis e não geram nenhum problema, provocação ou questionamento. São simplesmente “tomadas como dadas” (*taken for granted*) (p. 3). O que é dado não se questiona. Quando se segue o senso comum, as práticas familiarizadas, não há estranhamento. Pelas atitudes naturalizadas, os homens apenas

seguem seus percursos e sempre se encontram dentro desse mundo já conhecido e considerado por si mesmo como real. Um mundo que existe antes mesmo de nossos nascimentos e possui os problemas, circunstâncias e possibilidades de soluções pre-configuradas. Um mundo constituído de sua própria realidade. Um mundo com práticas e enquadramentos considerados como prévios, prefigurados e bem coerentes com o esperado.

Cada província possui suas motivações, proposições e intenções. Considerando as ideias de William James, revistas por Schutz (1973; 1979), da justaposição de diferentes províncias de significado que vão entrando em choque, em consonância, em fusão e podem ser percebidas conscientemente, ou não, pela pessoa no curso de sua ação. As realidades que se apresentam como naturalizadas podem passar por mudanças drásticas. Narrativas biográficas mostram estes fatos incisivos de transformações nos projetos biográficos. Grandes acontecimentos podem provocar mudanças radicais nos projetos biográficos, por exemplo, a morte de um parente como causa para mudança de cidade; um trauma de ter sido roubado, provocando alterações de comportamento e itinerário; catástrofes naturais ou problemas político-econômicos como alavancas para imigração. As experiências multiculturais como a imigração produzem grande quantidade de choques culturais até que a pessoa observe as diferenças, perceba os contextos e se adapte a nova realidade (SCHUTZ, 1979)..

Temos a realidade que nos é mais próxima e familiar, em que são produzidos os pensamentos de senso comum e reproduzidas as tipificações, chamada por Schutz de “realidade da nossa vida cotidiana” (1979, p. 249). Essa realidade nos parece ser tão natural e confortável que não vemos motivos para abandoná-la. A não ser que vivenciamos, como visto nos exemplos acima, um grande choque, que nos impulsiona a romper as fronteiras dessa província finita do significado e transitar para outra realidade e outro mundo, formados por outra província de significados. Estas províncias constituem as formas como compreendemos o mundo e alimentam nossos estoques de conhecimentos a cerca de assuntos específicos. Estas realidades e províncias diferentes coexistem intersubjetivamente e compõem os sentidos que damos para as experiências.

Tanto grandes transformações podem ocorrer, como aquelas pequenas do cotidiano. Para William James (apud SCHUTZ, 1979), o reino da experiência é constituído de realidades e universos múltiplos, havendo uma justaposição dos mundos dos sentidos e das coisas físicas (proveniente da realidade suprema e principal), o mundo da ciência, o mundo das relações ideias, os mundos da mitologia e da religião, o mundo dos “ídolos da tribo”, os vários mundos de opiniões individuais e o mundo da loucura pura e do capricho. Para James, a “realidade significa simplesmente relação com a nossa vida emocional e ativa o que quer que seja que excite e estimule nosso interesse é real” (SCHUTZ, 1979, p. 248). Faz parte da realidade transitar entre as diversas províncias de significados “finitas”. Fazemos isso quando saímos de mundo de atitudes naturais para outros mundos, como o dos sonhos, do teatro, da experiência estética com alguma produção artística, da piada, do riso, do choro, da brincadeira, da religião e, inclusive, da decisão do pesquisador em “substituir toda a participação afetiva nas coisas ‘deste mundo’ por uma atitude contemplativa desinteressada”, segundo Schutz (1979, p. 251).

A “participação afetiva” também é um tipo de atitude calcada em um sistema de relevâncias que faz sentido para o pesquisador. Pesquisar sobre a violência ou o terrorismo não quer dizer que o cientista aprova ou está de acordo com as práticas desenvolvidas dentro desta temática. O pesquisador faz uma atitude de escolha consciente e “volitiva”, dentre um universo de conhecimentos e possibilidades, seguindo os níveis, zonas e domínios de um sistema de relevâncias (volitivas ou impositivas). O sistema de relevância que fará ele escolher o tema de pesquisa é formado pela sua compreensão do que é importante e interessante, sua intenção investigativa, sua experiência prévia enquanto pessoa no mundo da vida e da academia, além da sua afetação pessoal por algum motivo específico consciente ou não por esta temática. Acreditamos que o pesquisador sempre estará investigando uma temática a partir de um ponto de vista, uma problemática, conforme o que lhe afeta mais naquele momento. E isso não exclui a possibilidade de objetivação e distanciamento de vigilância epistemológica, entretanto, como afirma Schutz, é preciso, sim, uma atitude de “observador desinteressado”.

No mundo da vida cotidiana, os pensamentos não são considerados atitudes que afetam o mundo exterior, assim como, no mundo da vida científica, as cogitações teóricas tampouco afetam (SCHUTZ, 1979). Para que aja o compartilhamento e afetação social, é preciso que o conhecimento seja comunicado em um ato de fala, de escrita, de trabalho ou de qualquer outra forma que o conteúdo possa ser partilhado. As experiências *da vida*<sup>2</sup> e as experiências científicas podem ser vividas de formas diferentes, segundo as atitudes, intenções e níveis de atenção e relevância dada por cada um diferentemente. “A atitude do ‘observador desinteressado’ está baseada num tipo peculiar de *attention à la vie*, que é o pré-requisito de toda teorização. Ela consiste em abandonar o sistema de relevâncias existente na esfera prática da atitude natural” (SCHUTZ, 1979, p. 255). Há um tipo de “observador desinteressado” e o “interessado”, que adota uma postura de estado de alerta total nas práticas da vida cotidiana.

Além do mundo da vida científica, há outros mundos. Teremos compreensões diferenciadas sobre as experiências da entrevista. Observamos, percebemos e atuamos no universo total da vida (*Lebenswelt*, conceito de Husserl adotado por SCHUTZ, 1979) dando destaques a certas províncias de significados que fazem parte de outros reinos da experiência, segundo seus interesses no mundo de suas vidas. Tanto o pesquisador quanto o pesquisado fazem “antecipações que, de um lado, remetem para o seu estoque de experiências sedimentadas e, de outro, para o seu sistema de relevâncias especial” (SCHUTZ, 1979, p. 255). Desta forma, percebemos a estrutura social permeando o arcabouço cognitivo dos seres humanos coletiva e individualmente. A autonomia de ação de cada pessoa está de acordo com os contextos de cada situação, que são compreendidos segundo conhecimentos específicos de cada província.

As reflexões sobre a teoria da ação de Alfred Schutz foram baseadas nas ideias de Max Weber, o qual buscou explicar os fenômenos da vida cotidiana pelo viés da

---

<sup>2</sup> Em uma perspectiva complementar a de Schutz, no texto introdutório de BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. São Paulo: Contraponto, 2005, há uma proposta de se pensar uma filosofia científica mais ligada à libertação das mentes dos jovens. Criticando o pensamento positivista e cartesiano, a fenomenologia do imaginário sugere mais abertura para a possibilidade “pedagógica” de aprendizado cotidiano segundo experiências *da vida* e não experiências *de vida*, essas últimas, profetizadas dogmática e institucionalmente por pais e professores como modelos a serem seguidos. Esse dogmatismo seria a negação da cultura e da própria experiência dinâmica de vivenciar o mundo da vida. Esta fenomenologia também parte de uma abordagem científica que “aceita as imagens”, as metáforas e analogias. Pelos sentidos apreendemos e nos relacionamos com o mundo e suas imagens endógenas e exógenas (BELTING, 2010) ou imagens técnicas e imagens mentais (KOSSOY, 2002)

sociologia interpretativa. Esta compreende a ação social em sua temporalidade de curso e efeitos. Weber (apud SCHUTZ, 1979) buscava compreender o significado subjetivo da conduta social e os tipos ideais, sendo que qualquer tipo ideal de ação baseia-se na suposição de uma conduta estritamente racional. Ele se interessou principalmente pela “ação racional” e pela compreensão (*Verstehen*) objetiva e subjetiva das condutas impetradas pelos indivíduos na vida cotidiana. Tanto sua teoria da ação, a busca pelas motivações, quanto suas reflexões a respeito da tipificação e compreensão do outro foram apropriadas e reelaboradas por Schutz em suas contribuições da sociologia fenomenológica da vida cotidiana, ou seja, da experiência subjetiva da vida cotidiana.

Uma análise fenomenológica detalhada descobriria as várias camadas da experiência e as diferentes estruturas de significação implicadas, digamos, no fato de ser mordido por um cachorro, lembrar de ter sido mordido por um cachorro, ter fobia por todos os cachorros, e assim por diante. O que nos interessa aqui é o caráter intencional comum de toda consciência. (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 37).

Peter Berger e Thomas Luckmann trazem o exemplo acima para elucidar que tudo aquilo que é considerado "conhecimento" na sociedade, ou seja, o "conhecimento do senso comum", é de interesse da sociologia fenomenológica do conhecimento. É possível compreender o mundo da vida cotidiana e a realidade, ou o mundo intersubjetivo pelo senso comum. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que formam um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 35). Estamos falando de seres humanos que interpretam de forma subjetiva um mundo objetivado e, por meio das interações, os conhecimentos vão construindo a realidade social própria e os sistemas de relevância.

### **Relevância, tipificação do mundo da vida midiaticizada e interpretação de imagens**

No mundo da vida, nossas atitudes naturais são baseadas em reproduzir o que é socialmente aceitável e previsível dentro de contextos e temáticas específicas (SCHUTZ, 1973). Das temáticas possíveis, escolhemos o que queremos contar e de que

forma estaremos nos expondo e trocando com o outro. Escolhemos como agir a partir de quadros de referências que condicionam nossos comportamentos e conhecimentos a partir de normas e convenções específicas. Tais regras dimensionam nossas ações segundo os mundos a que pertencemos. Se somos pesquisadores, pesquisados, trabalhadores, aposentados, escritores, artistas, médicos ou engenheiros; para cada mundo há estruturas de relevância, tipificações, linguagens e províncias de significados próprias. Para as ações, os objetos e as experiências, damos nomes (tipificações) e graus diferentes de importância (relevância). Nomear é tipificar; e tipificar é aquilo que foi designado como importante (ou relevante) (CORREIA, 2005, p. 134).

As construções sociais da realidade se fazem presente também nos estudos das notícias, segundo João Carlos Correia (2005), em seu livro “Teoria da Comunicação de Alfred Schutz”. Dentro do mundo da vida jornalística, a produção das notícias pressupõe um conhecimento prévio, pré-conceitos sobre as normas e desvios de uma comunidade (p. 136), além de estar condicionada por suas próprias normas do fazer jornalístico (estilo redacional, critérios de noticiabilidade, adequação editorial, espaço publicitário, política e mercado, por exemplo) (p. 133). Além de sofrerem agenciamentos externos, os meios de comunicação são produtores e agenciadores do conhecimento público. “O mundo dos *mass media* desempenha um lugar significativo na construção, amplificação, divulgação e partilha de significados” (CORREIA, 2005, p. 124). Ao ampliar, divulgar e partilhar significados, os jornalistas agenciam experiências de comunicação no mundo cotidiano por meio de tipificações concretas, coerentes segundo quadros de referências da realidade social a qual estão inseridos. Há modos de tipificar que são rotineiramente reproduzidos e influenciam as nossas atitudes naturais no mundo da vida, assim como influenciam a linguagem midiática.

Para João Carlos Correia (2005), a teoria de Schutz contribui para os estudos da produção de notícias, para uma teoria dos efeitos cognitivos e para uma teoria da recepção. Ele questiona sobre o papel dos grupos na alteração da estrutura de relevâncias e sobre o papel da interpretação nos significados difundidos pela cultura midiática. Assim, desenvolve a relação entre a Fenomenologia Social e a Teoria dos Media em três níveis: "a) enquanto teoria dos efeitos cognitivos, designadamente a nível

da relevância, tipificação e atitude natural; b) relação entre o profissionalismo jornalístico e a teoria dos efeitos; c) análise do espaço público" (CORREIA, 2005, p. 126). Trata-se de pensar as influências do mundo da vida nas práticas da produção midiática e, conseqüentemente, seus efeitos no mundo da vida novamente.

O movimento cíclico de influências entre o mundo da vida cotidiana e o mundo da vida midiática possibilita refletir sobre enraizamentos de valores, estereótipos, tipificações generalistas de senso comum, assim como transformações significativas de questionamentos de padrões, rompimento de estruturas de relevância, introdução de estranhezas e conflitos. Esse é o maior risco a que está submetida a relação intersubjetiva de formação e reprodução tipificada de conhecimento. Os meios de comunicação podem adotar estruturas simplificadas para serem facilmente compreendidos pelo "homem comum". Assim, podem agenciar e redundar estereótipos falsos, homogeneizados, estereotipados, padronizados e redutores. Enquanto que seria muito mais interessante, dentro do ponto de vista da função dos meios de comunicação para a construção da realidade social, segundo Correia (2005), que se valorizasse o pluralismo e a diversidade.

Os jornalistas são elementos essenciais na construção de imagens que só têm sentido insertas numa história exemplar em que colaboram todas as formas institucionais de narradores e o próprio público. A estrutura subjacente acaba por percorrer formas diversas de relato de modo a proporcionar a adesão ou repulsa. As imagens funcionam como os arquétipos que se usam para criar este relato, inserindo-o de modo articulado no conjunto de narrativas dominantes numa dada cultura. De acordo com esta estratégia, a sociedade cria imagens negativas e positivas mas inscreve-as na concepção relativamente natural da comunidade. (CORREIA, 2005, p. 134).

Considerando a força dos meios de comunicação para a formação do nosso estoque de conhecimento sobre os acontecimentos e experiências perpetrados no mundo de nossas vidas, vamos (re)produzindo naturalmente narrativas incorporadas previamente ou vamos adotando posturas mais conscientes e críticas que produzem rupturas de pensamento prévios, contrariando padrões de senso comum e redundância de valores redutores, culturalmente naturalizados. Ao reproduzir imagens arquetípicas, os meios de comunicação articulam e pautam certos temas mais relevantes (agenciando



conteúdos) e comportamentos esperados (agenciando formas) de “homens comuns” nas suas práticas do mundo da vida. Desta forma, percebemos tais influências nas narrativas dos nossos interlocutores ao serem interpelados pela experiência de interpretação de imagens.

Primeiramente, as pessoas que são entrevistadas questionam os entrevistadores sobre o contexto da pesquisa e da motivação para entrevistá-las. Explicamos que se trata de uma pesquisa sobre imagens: quais imagens dentre as mostradas chama mais atenção, o que nelas chama mais atenção e o que mais vier à cabeça do entrevistado ao ver tais imagens. Desta forma, a fala busca uma narrativa que faça sentido e esteja adequada aos interesses dos entrevistadores, seguindo os preceitos da “pressão narrativa”, do sociolinguística americano Fritz Schütze (2010). Pela “pressão narrativa”, o entrevistado sente que precisa falar e se adequar para ser compreendido pelo outro. Ao buscar um entendimento (*Verstehen*) da experiência, a pessoa entrevistada tipifica o processo. Quando o entrevistado tipifica a experiência a partir do estoque de conhecimento adquirido previamente a respeito daquela situação, ele acaba facilitando sua passagem pela experiência, tomando atitudes que lhe aproximem de escolhas mais apropriadas que ele acredita fazerem sentido para si, para o outro e para a entrevista. As escolhas também buscam se afastar do risco, do erro e do equívoco.

A “atitude natural” do entrevistado “entra em parênteses” e se transforma em uma busca por atitudes mais calculadas, objetivas e conscientes. Os participantes organizam suas interações para satisfazer às suas expectativas, às expectativas dos entrevistadores e expectativas sociais (de um sistema estruturado) de comportamentos em momentos de entrevista, com respeito à comunicação verbal e não-verbal. As tipificações de comportamento padronizado são fortemente notáveis durante as entrevistas, destacando-se, inclusive a postura verbal e gestual diante da câmera de vídeo: corpo ereto, economia de movimentos para não sair do enquadramento, fala pausada, tom de voz controlado, ritmo moderado e evitação de linguagem coloquial.

Essas reflexões são fruto de entrevistas realizadas em 2016, com recursos audiovisuais, cujo objetivo foi compreender as afetações das pessoas nos processos de interpretação de imagens. Observamos algumas recorrências nas experiências: a

adequação do *tipo de atitude*, comportamento e organização cognitiva da fala em uma sequência lógico-temporal dos entrevistados ao *tipo e motivo da entrevista* e às perguntas realizadas. Percebemos que quanto maior o tempo com o entrevistado (ele que determinava a duração da entrevista), maior a possibilidade das afetações virem permeadas de subjetividades e mescladas às histórias de vidas pessoais. As pessoas oscilam entre descrições, argumentações e narrativas<sup>3</sup> relacionadas aos lugares e tempos das imagens. São as pessoas que animam as imagens (BELTING, 2010).

O mundo da vida que vivemos hoje é caracterizado pela era da cultura visual, em que a “videosfera” do tempo rápido, do espaço globalizado, da expectativa de experimentação, inovação, ruptura e novidade, provoca uma nova percepção da imagem pela visualização. As interpretações de imagens nessa era da cultura visual é permeada por lógicas de relevância e tipificações diferentes do que existiam na era do ídolo (“logosfera”) e na era da arte (“grafosfera”) (DEBRAY, 1993). As estruturas de interpretação adentram as províncias de sentido do tempo acelerado, do espaço midiático, da expectativa que o objeto suscite espanto ou distração (em contraposição à expectativa de culto, da logosfera, e do deleite estético das obras de arte do mundo da grafosfera). No mundo em que vivemos, cunhado pelo excesso de imagens, as noções de imagem e de fotografia até mesmo se confundem no senso comum, tamanha proximidade. Debray (1993) afirma que a imagem morreu, porém ele se refere ao movimento fluido e contínuo da força simbólica das imagens. O que se perdeu na era midiática, para ele, foi a magia do simbolismo das imagens.

Por outro lado, acreditamos que a imagem, enquanto conhecimento e experiência, continua presente. A fotografia não é a imagem, mas seu corpo (BELTING, 2010), sua materialidade e presentificação. A imagem precisa de um meio para se fazer comunicar. A imagem, assim como as ideias, os pensamentos e o estoque de conhecimento, precisa de recursos materiais e de uma ocasião material para serem compartilhados. Precisamos de um dedo que aperte o aparelho fotográfico, uma língua que articule as palavras em uma fala audível e compreensível, ouvidos, olhos, qualquer

---

<sup>3</sup> O sociolinguísta americano Fritz Schütze, inspirado em La Boff, apresenta reflexões sobre as diferentes formas discursivas: argumentação, descrição e narração, segundo Rosenthal, (2014).

orgão do corpo que possa compartilhar algo com outros (SCHULTZ, 1973, p. 6). Esse processo sensorial ocorre "naturalmente", pois são internalizados a partir de vivências e trocas culturais do mundo da vida cotidiano. As influências do mundo da vida são percebidas nas recorrências de forma e conteúdo imagéticas que os fotógrafos produzem e nas experiências de recepção dessas imagens.

A fotografia, por sua vez, tem uma realidade própria, que, segundo Kossoy (2002), seria a "segunda realidade": construída, codificada, sedutora em sua montagem, e sua estética, 'não-ingênua', nem inocente. A primeira realidade seria a do vivido, do momento em que a cena do cotidiano é capturada e congelada em uma imagem fixa e imutável. A segunda realidade é a documental, do papel, do registro. A terceira realidade é a da interpretação, recepção, leitura e reconstrução dos sentidos da imagem. "Resgatando o ausente da imagem compreendemos o sentido do aparente, sua face visível" (KOSSOY, 2002, p. 135). A imagem da fotografia se faz nesse elo material de tempo e espaço representado, que são pistas decisivas para acessarmos o passado, o presente e projetarmos o futuro, caso nossa imaginação assim o faça. Toda fotografia tem sua gênese em um específico *espaço* e *tempo* (idem, p. 26), logo, seu sentido se faz conforme as realidades das quais ela se constitui.

Para este artigo, trazemos reflexões a partir de dois grupos de imagens: imagens de casais heterossexuais se beijando em espaço público de Paris; e imagens de trabalhadores, obras e espaços em processos de transformação na cidade de Porto Alegre. As primeiras fotografias (seis no total) foram tiradas por fotógrafos profissionais e publicadas em uma revista americana de 1950 com editorial que enaltecia o comportamento despojado e livre dos jovens pelas ruas de país. As segundas (em torno de 150), foram feitas por estudantes e pesquisadores, no âmbito de uma pesquisa acadêmica intitulada "Porto Alegre na Copa - ritmos de construção destrutiva e destruição criativa". As fotografias participaram de uma exposição na Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em maio de 2016.

Apesar dos objetos serem diferentes, foi possível destacar o movimento presente da experiência de recepção e afetação das pessoas. Percebemos que durante as entrevistas, as pessoas sentiam a "pressão narrativa" (ROSENTHAL, 2014, p. 188), as

confluências entre imagens que são vistas em fotografias, as arquetípicas dos meios de comunicação (como o legado positivo/negativo da Copa ou a liberdade romântica dos jovens em Paris) e as vividas pelas experiências passadas do cotidiano dos entrevistados (como narrativas de um casal, diante de uma foto de igreja, que contou como se conheceram, há 53 anos, em uma das festas de Nossa Senhora dos Navegantes, promovidas por aquela igreja). As escolhas sequenciais e temporais das ideias se estruturam ordenadamente segundo os interesses do entrevistado, o que ele imagina que são os interesses do entrevistador, os contextos do espaço e da duração da entrevista, da situação e estado físico-psicológico do entrevistado e entrevistador, e diversos outros fatores que refletem na memória, na quantidade e qualidade de retorno, abertura e disposição para a experiência. No título do artigo há a frase final de uma interlocutora que nos traz toda essa imagem de preocupação em ter agradado e ter sido útil para nossa pesquisa, pois estava falando honestamente das imagens a partir de sua experiência no mundo de vida cotidiano, inclusive salvaguardando nos tempos verbais essa relação sincrônica de passados e presentes: “Eu *disse* aquilo que *vivencio*”. O passado se faz presente pela narrativa hoje.

Gabriele Rosenthal (2014) nos propõe, para tanto, métodos de levantamento e análise interpretativa de dados empíricos. Sua pesquisa social interpretativa é baseada em observação participante, entrevistas abertas e reconstrução biográfica de casos. Interessa-nos esta abordagem para melhor compreender as formas com que as trajetórias e narrativas biográficas influenciam as interpretações de imagens, porém

### **Reflexões finais**

Consideramos a partir destas reflexões algumas contribuições da sociologia fenomenológica social interpretativa para a compreensão da experiência de interpretação de imagens. Partindo da ideia de que as interpretações são narrativas conscientes de uma pessoa em situação de entrevista, acreditamos que as interpretações são escolhas narrativas por meio de um linguagem apropriada à compreensão do outro, com a intenção e o interesse do entrevistado e do entrevistador, o estoque de

conhecimento e o sistema de relevância que conduzirá as escolhas do que será dito, ou não, como será dito, em que sequência, abordando quais temáticas e interpretações.

Os sistemas de relevância, as tipificações e as imagens construídas tanto pelos meios de comunicação, quanto pelos processos intersubjetivos de relações sociais nas práticas vividas no mundo da vida do entrevistado, formam um estoque de conhecimento próprio e, ao mesmo tempo, constantemente compartilhado com os demais que com ele interagem. A partir de certas províncias de realidade, com suas tipificações, grade de relevâncias (temáticas e comportamentais) e sentidos particulares, as pessoas compreendem e agem nos seus mundo da vida cotidiana.

Durante uma entrevista de interpretação de imagens, a pessoa sai de seu “estado de atitude natural” e veste-se de uma “atitude alerta”, ponderando os fatores que ela considera relevantes para tal experiência. Um dos fatores diz respeito a comunicação não-verbal (gestos, troca de olhares, movimentos, presença ou não de recursos audiovisuais e toda a dinâmica entre entrevistado e entrevistador) e a comunicação verbal (seguindo os princípios de sequencialidade e relevância que organizam de maneira que lhes façam sentido). Nesse jogo de linguagens, significados, interpretações e realidades, as imagens exógenas das fotografias se mesclam com o imagens arquetípicas da mídia e das experiências biográficas. Durante as narrativas, as memória do passado ganham novos significados, são reinterpretadas e formam um novo conjunto de imagens simbólicas da experiência. No espaço e tempo da experiência, ao falar das imagens, a pessoa traz seu estoque de conhecimento sedimentado pelas interações sociais. As interpretações das imagens fotográficas tornam-se interpretações das imagens do mundo e das imagens de si.

### **Referências Bibliográficas**

BELTING, Hans. **Antropología de la Imagen**. Madrid: Katz, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o método documental. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, p. 286-311, Dec. 2007. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222007000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200013&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000200013>

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3.ed.Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa** – uma introdução. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patrícia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas, **Civitas**, vol. 14, nr. 2, p. 359-382, 2014.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. Algumas considerações sobre a sociologia de Alfred Schütz. **Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v. 9 – n. 1–jan.-jul./2012 – ISSN: 1806-5023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2012v9n1p1>. Acesso em: 01 jul. 2006.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**, Escritos I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2008.

\_\_\_\_\_; LUCKMANN, Thomas. **The Structures of the Life-world**. Northwestern University Press, 1973.

\_\_\_\_\_; WAGNER, Helmut (Org.) **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZE, Fritz. “Pesquisa biográfica e entrevista narrativa”, in: Weller, Wivian; Pfaff, Nicolle (org.), **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação** – Teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.